

Uma visão distorcida

O presidente da República irrita-se com editoriais. Deveria é manifestar sua inconformidade com os auxiliares que tem e, ao mesmo tempo, cuidar de policiar-se para evitar ser exposto ao ridículo no Exterior — coisa bem pior do que receber vaias em Belém do Pará. Em declarações ao jornal *Excelsior*, da Cidade do México, s. exa. afirmou que a moratória foi decretada não por motivos políticos, mas “sim como necessidade de preservar nossas (do Brasil) reservas”. No mesmo dia em que o jornal mexicano estampava sua entrevista — preparatória à reunião de chefes de Estado latino-americanos em Acapulco —, o governo brasileiro informava o Gatt que era forçado a manter o impedimento à importação de 1.200 produtos porque as reservas brasileiras atingem atualmente o nível “perigosamente baixo” de 3,7 bilhões de dólares no conceito de liquidez internacional. Diante dessa afirmação enfática do governo, confessando que as reservas estão em nível muito, mas muito baixo, seria o caso de perguntar como às vésperas do golpe de Estado de 1937: *onde está o dinheiro?* Sim, porque se a moratória foi feita para preservar as reservas; se a balança comercial apresenta saldos sempre volumosos, e se não se pagam juros, nem principal da dívida externa, por que razão as reservas diminuíram ou chegaram a esse nível “perigosamente baixo”? Por acaso o gato as comeu?

De toda a entrevista do presidente da República ao jornal *Excelsior* fica a amarga impressão de que a mentalidade dos tempos do triunfalismo nacionalista voltou a imperar nos centros decisórios de Brasília. A visão que o sr. José Sarney tem do problema da relação do Brasil com o mundo é toda ela distorcida por um “brasilcentrismo” apenas justificável no mais cabedudo dos geopolíticos. Obviamente com a intenção de aparecer perante a platéia intelectual mexicana — que não morre de amores pelos Estados Unidos, tendo sobejas razões históricas para isso —, o presidente faz latino-americano o que lhe parece ser o caso do Brasil: “A América Latina tem sido escrava da sociedade industrial desenvolvida”. Os grilhões que prendem os Estados soberanos da área a seus senhores são os bilhões de dólares da dívida externa, seguramente contraída (a ser verdadeira a imagem da escravidão) por imposição dos governos dos centros decisórios mundiais. Por isso, é mister que os

“escravos” se reúnam, discutam seu caso (a sangria de cambiais pagas a títulos de juros) e imponham sua vontade à sociedade industrial. Seguramente inspirado em *Las venas abiertas de América Latina*, o presidente José Sarney está pronto a pregar a integração latino-americana ou a moratória coletiva no exato momento em que o delegado de seu ministro da Fazenda inicia em Nova York as negociações sobre como fazer para o Brasil suspender a moratória.

O que constrange no discurso antiimperialista de terceira geração — este que ouvimos hoje — é sua pobreza argumentativa e a falta de visão abrangente dos problemas da economia mundial. Que o Brasil acabou se transformando em país exportador de capitais todos sabem — e nós o proclamamos várias vezes antes de s. exa. decretar a moratória. Não apenas afirmamos esse fato que aberrava do bom senso macroeconômico, colocando em risco a estabilidade do sistema mundial, como apontamos que uma das soluções para a crise do sistema financeiro internacional era fazer que os Estados Unidos não mais tivessem o direito de imprimir, ao sabor das flutuações de sua política interna, a moeda internacional de trocas. Os oito chefes de Estado latino-americanos, em vez disso, possivelmente acordem em pedir aos bancos credores que paguem os juros dos empréstimos, afora financiar em suaves prestações mensais o principal da dívida. É tudo uma questão de perspectiva do que sejam as relações de força no campo internacional.

Os números que o presidente Sarney esgrime são corretos: de fato o Brasil pagou mais de 50 bilhões de dólares em juros e amortizações. O que não é correto é dizer que a América Latina é escrava do mundo industrializado. Não é correto, simplesmente, porque os números não mencionados por s. exa. desmentem suas assertivas. O bloco socialista, por exemplo, deve ao Ocidente — à sociedade industrializada — cerca de 130 bilhões de dólares e não tem como pagá-los. Vá alguém, no entanto, dizer ao camarada Gorbachev que a União Soviética é escrava do mundo ocidental, ou sugerir que a URSS dê o calote nos capitalistas... Afora isso, a dívida que os países-membros da sociedade industrial desenvolvida têm para com os bancos deles próprios e com os governos dela própria chega a mais de 900 bilhões de dólares. Serão os senhores da América Latina escravos de si próprios sem o saber?

Esse é um aspecto que a geopolítica terceiro-mundista do presidente oculta. Outro é pretender responsabilizar a sociedade industrial desenvolvida pelo retrocesso argentino. Cremos que nem mesmo Peron chegaria a tais extremos no final de sua vida política. O presidente Sarney deveria saber, pois os jornais publicaram recentemente, que foram os regimes populistas e militares, o que Alvaro Alsogaray chamou de “populismo estatizante”, que levaram a Argentina a passar de uma situação de reservas de dez bilhões de dólares (a valores de hoje) em 1945, para uma dívida de cerca de 50 bilhões em 1987.

A comparação com a Ásia e a África apenas depõe contra o Brasil, não contra a sociedade industrial desenvolvida. O “presidente do social” deveria dizer, isto sim, que a falta de visão dos governos dos últimos anos — especialmente de 1985 para cá — contribuiu para reduzir o nível de vida da população a níveis “perigosamente baixos”, iguais aos de alguns países asiáticos ou africanos. Mas deveria acrescentar, para não cair na pregação antiimperialista balofa, que há países da Ásia e da África que estão em boa situação porque se abriram para o mercado internacional, dele participam, nele conquistam posições e não têm medo do bicho-papão chamado Estados Unidos. Tanto não têm medo que são superavitários nas trocas comerciais com os Estados Unidos, da mesma maneira que o Brasil, chamado de escravo.

A política internacional não se faz, em 1987, com a literatura dos anos 50. Faz-se com tenacidade e audácia, sim, mas nos limites das potencialidades nacionais. Faz-se levando em conta o peso específico do Brasil e sua importância no cenário geoestratégico mundial. Faz-se dizendo e provando aos parceiros e adversários que o Brasil respeita os compromissos que assume, e não responsabiliza terceiros pelas faltas que são suas. Esse discurso, porém, não atende aos interesses pessoais de quantos desejam fazer da causa da integração latino-americana apenas uma bandeira a mais e não um real objetivo de política internacional. É por isso que para discutir a miséria dos povos latino-americanos e a escravidão da América Latina à sociedade industrial desenvolvida, presidentes de oito países se reunirão no luxuoso balneário de Acapulco...